

A MEMÓRIA DOS CONFLITOS TERRITORIAIS ENTRE FAMÍLIAS NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE NOS SERTÕES DOS INHAMUNS

Cristiane e Castro Feitosa Melo

Doutoranda em Geografia – UECE
E-mail: cristianefeitosa@hotmail.com

Introdução

No período histórico colonial o espaço geográfico apresenta-se como constituição de uma disputa concreta, em que as relações de natureza sócio-espaciais se expressam como medição de escala de poder. Esta medição opera quantidade extensiva de terras, aproximações com os indígenas e poder político e econômico no território, engendrando novas dinâmicas sociais. Nos Sertões dos Inhamuns esse processo se desenvolveu, no âmbito dos conflitos entre famílias pela posse de sesmarias, que produziu uma verdadeira definição cartográfica da região. Nesta ótica, este trabalho conta a história de uma comunidade sertaneja do Nordeste brasileiro, no período de sua colonização, no início do século XVII, detalhando a cruel luta entre duas famílias Monte e Feitosa, que disputaram a posse do Ceará deserto, buscando analisar a dinâmica populacional e as transformações territoriais nos Sertões dos Inhamuns.

Na análise desta manifestação de luta territorial, como procedimento metodológico, os dados foram adquiridos com levantamentos bibliográficos sobre a historicidade e transformações geográficas do Alto e Baixo Jaguaribe e consultas em

publicações de órgãos oficiais do Governo Federal, Estadual e Municipal. Os antecedentes históricos sobre as transformações decorrentes por grandes conflitos de famílias não devem ser ignorados, uma vez que a perspectiva de obtenção das sesmarias indica mudanças e incertezas quanto à formação territorial.

A pesquisa divide-se nos seguintes eixos analíticos: Parte da leitura do território como categoria de análise social para contextualizar os elementos centrais que gravitam na fixação das famílias vindas da Europa, os Montes da Espanha e os Feitosas de Portugal, no sertão de Pernambuco e vieram a ter ao Ceará; A dinâmica populacional e sua relação com as famílias dominantes da região e; Os impactos de conflitos territoriais entre famílias na perspectiva espaço-temporal decorrentes, que formataram uma nova produção do espaço.

Atração Populacional: a Colonização dos Sertões dos Inhamuns

A colonização do interior do Ceará foi o resultado de incursões sertão adentro, de criações de gados oriundos da Bahia e Pernambuco. Os criadores de gado, insaciáveis e à procura por mais terra para as fazendas visando o suprimento dos mercados da região açucareira no litoral, chegaram ao Ceará nas últimas décadas do século XVII. Acompanhados por seus vaqueiros e escravos, estabeleceram-se inicialmente ao longo das margens do Rio Jaguaribe, de Aracati para o sul do estado, até a sua confluência com o Rio Salgado, onde fundaram a cidade do Icó e desta, subiram o mesmo rio e seus afluentes, chegando por volta de 1707 aos Sertões dos Inhamuns.

Icó destacou-se durante esta áurea época, devido à abundância de água e localização estratégica na rota das boiadas. A “Estrada Geral do Jaguaribe” escoava as boiadas entre as fazendas de gado do Sertão do Cariri ao centro de salgagem da carne salgada de Aracati.

A História da “Estrada das Boiadas”: de Icó para os Sertões dos Inhamuns

A “Estrada das Boiadas” ou “Estrada dos Inhamuns” escoava o gado e os produtos entre a Paraíba e o Piauí. Hoje, refazendo a peregrinação, dos colonizadores, partindo de Icó e seguindo de leste para oeste, no Estado do Ceará os mesmos passaram pelos Municípios de Orós e Iguatu, até chegar aos Sertões dos Inhamuns.

Nos Sertões dos Inhamuns, região inicialmente habitada pelos índios Jucá, a rota foi por Saboeiro, onde os novos habitantes oriundos de Pernambuco, tinham como intuito a implantação da pecuária do Ceará; seguindo por Aiuaba, às margens do rio Umbuzeiro, afluente do rio Jaguaribe, onde via as sesmarias os fazendeiros de gado chegaram à região e intensificaram a criação do rebanho bovino.

Em seguida seguiram para Arneiroz, Município também localizado no antigo território dos índios Jucá, onde surgiu a partir de um aldeamento, realizado por um Jesuíta. A referida missão foi desfeita devido a guerras de extermínio, batalhas emancipacionistas e conflitos políticos com as famílias que chegaram à região com a expansão da pecuária, o que

resultou na transferência de alguns grupos dos referidos índios. Como nem todos os nativos foram transferidos, a história de Arneiroz segue com estes e o clã dos Feitosas.

O Município de Catarina foi a próxima parada, dos colonizadores oriundos de Pernambuco, com intuito de implantar a pecuária no Ceará, onde seguindo a “Estrada das Boiadas”, chegou à nascente do Rio Jaguaribe em Tauá uma palavra de origem indígena que significa “Barro vermelho” em tupi-guarani, onde chamou-se inicialmente São João do Príncipe e São João do Príncipe dos Inhamuns. Por fim chegou-se ao Rio Jucá em Parambu, localizado no território que foi habitado, antes da chegada das entradas vindas do Pernambuco, pelos índios Jucás, Candandus e Inhamuns, onde com a doação de sesmarias ao longo do rio Puiú e a disseminação da criação de gado bovino na região, surgiu um povoamento com o nome de São Pedro da Cachoeira formado em torno das fazendas de gado e de uma capela, cujo patrimônio foi doado em 1772 por Enéas de Castro Feitosa.

Os Sertões dos Inhamuns localizam-se nas cabeceiras do Rio Jaguaribe ao norte da extremidade sudoeste do Ceará, e se estendem numa área cujos pontos extremos possuem distância de 113 km de leste a oeste por 153 km de norte a sul. A região está separada das áreas vizinhas pelas serras: Joanhina e Guaribas ao norte, Flamengo a leste, Bastiões ao sul e a Serra Grande, que faz fronteira com o Estado do Piauí a oeste.

Possui altitudes que variam de 228 a 487 metros, sendo a área mais elevada do sertão do Ceará. Sua topografia varia

consideravelmente, onde algumas partes da região são formadas de terrenos ondulados em campo aberto, principalmente na metade superior, enquanto no sul, dentre outras áreas da região, a paisagem apresenta-se bastante irregular pela presença de numerosas serras. O rio Jaguaribe nasce ao norte dos Sertões dos Inhamuns com o encontro das águas do rio Trici com as do rio Carrapateira; seus outros afluentes mais importantes nos Sertões dos Inhamuns são os rios Favelas, Puiú, Jucá e Umbuzeiro.

Com semelhança à maior parte do Nordeste brasileiro, os Sertões dos Inhamuns é uma terra quente, varrida pelo vento, semiárida e sacrificada por um clima de chuvas escassas, que caem apenas nos meses de inverno que vão de janeiro a junho; mas às vezes o ano é afetado por seca; em consequência disso, os rios secam e as pastagens verdes morrem, exceto as plantas e árvores resistentes e de raízes profundas, que salvam a paisagem de uma aparência de desolação durante o verão. A densidade da vegetação é variada; algumas partes são cobertas de arbustos virtualmente impenetráveis, e outras relativamente abertas, com árvores e cactos espalhados. A temperatura varia de 16° a 35°C aproximadamente.

Essas rigorosas características naturais não perturbaram os colonizadores que chegaram aos Sertões dos Inhamuns, e em sua maior parte vieram de Pernambuco, já acostumados com terra e clima semelhantes. Encontrar uma área de pasto verde no inverno foi fundamental para se instalarem e transformarem os Inhamuns em uma das principais zonas de produção de gado do Nordeste.

As sesmarias, áreas de terras doadas segundo a tradição portuguesa, fornecem um quadro parcial da descoberta e colonização da área. A sesmaria fora utilizada em Portugal desde o século XIV como meio de doar terras abandonadas ou não-cultivadas a pessoas que pudessem fazer uso delas. Tal fato serviu como precedente para a aplicação de prática semelhante na Colônia Portuguesa da América, onde terras sobravam. As sesmarias eram distribuídas pelo chefe militar e oficial administrador da capitania, o governador ou capitão-mor. A dimensão da propriedade era geralmente de uma légua de largura por três léguas de comprimento, embora muito mais do que isso às vezes fosse doado em uma sesmaria e não havia limite fixado para o número de sesmarias que uma só pessoa pudesse receber. Um aspecto básico à localização da área doada é que tivesse sua frente limitada a um rio ou riacho ou que lá existisse uma fonte, fator de importância em uma terra com escassez d'água. (CHANDLER, 1981, p. 21).

O Conflito Sagaz entre Famílias na Luta por Sesmarias

A família Feitosa descendente do português João Alves Feitosa, casado com a filha do coronel Manoel Martins Chaves, tiveram dois filhos: o Comissário Lourenço Alves Feitosa, casado com Antonia de Oliveira Leite, onde tiveram um filho Lourenço Alves Penêdo e Rocha, e o Coronel Francisco Alves Feitosa, onde se casou três vezes com mulheres viúvas e traziam filhos dos seus leitos anteriores. A primeira núpcia foi

com Isabel do Monte, irmã do Capitão-mor Geraldo do Monte (FEITOSA, 1985, p. 15).

Os irmãos Feitosas, residiam às margens do rio São Francisco, em Pernambuco, mas segundo o pesquisador e historiador, Fernando Araújo Farias:

por estar bastante povoado este rio e afluentes, onde estava em franca florescência a atividade pecuária, certamente por informação dos parentes Ferreiras já estabelecidos no Ceará, hajam sido as razões que levaram os irmãos Feitosas a esta migração. Fato é que não tardaram a iniciar a colonização da bacia jaguaribana (1995, p. 37).

As primeiras sesmarias nos Sertões dos Inhamuns foram doadas aos irmãos Lourenço Alves Feitosa e Francisco Alves Feitosa, em 1707, cada um recebendo três léguas ao longo do rio Jucá.

No século XVII, perseguidos pela Inquisição e tendo perdido os pais, chegaram ao Recife cinco irmãos Montes, espanhóis de nascimento, sendo dois homens e três mulheres.

A Inquisição na Espanha atuou sob o controle dos reis da Espanha de 1478 até 1834. Esta foi o resultado da Reconquista da Espanha das mãos dos muçulmanos, e da política de conversão de judeus e muçulmanos espanhóis ao catolicismo. Foi um importante instrumento na política chamada limpeza de sangue contra os descendentes de judeus e de muçulmanos convertidos (FEITOSA, 1985).

Um deles e duas irmãs fixaram residência em Pernambuco, formando famílias, de uma das quais descende o conde

de Irajá, D. Manoel do Monte Rodrigues de Araújo, Bispo do Rio de Janeiro.

Geraldo do Monte e Isabel, sua irmã e já casada com o coronel Francisco Alves Feitosa, adentraram nos sertões de Pernambuco e vieram ter ao Ceará. Francisco Alves Feitosa junto com Isabel fixaram moradia no rio do Jucá, lugar onde requereram sesmarias, no entanto, Antonio Pinto e o tenente Simão Roriz Ferreira requereram as mesmas sesmarias, porque o morubixaba da aldeia dos índios jucás informava a todos que lhe perguntava que os terrenos daquele rio eram superiores para a fundação de fazendas de gados, mas não terminando o processado, caiu em comisso; sabendo disso o capitão-mor Geraldo do Monte requereu aquelas mesmas sesmarias, mas também se descuidou e incorreu na mesma pena de comisso (FEITOSA, 1985, p. 14).

O Comissário Lourenço Alves Feitosa, a par da situação, requereu uma sesmaria de três léguas de comprimento e meio de largura para cada banda, no rio Jucá; outra com iguais dimensões para Dona Antonia de Oliveira Leite, sua mulher, e uma terceira também com as mesmas dimensões para seu filho Lourenço Alves Penêdo e Rocha, ao todo nove léguas, compreendendo a extensão das que haviam caído em comisso, e lhes foram concedidas no ano de 1720. A solicitação chamava a atenção para o fato de que as terras eram virgens e, como tal, não estavam produzindo rendas para os cofres da Corte.

Para Geraldo do Monte só restava reconhecer que lhe não assistia direito para litígios, mas o mesmo insistia em cor-

tar as cordas no serviço de tombamento, separando as sesmarias de cada suplicante, com isso as famílias realizaram lutas armadas, os Feitosas para fazer efetiva medição da sesmaria, e os Montes para impedi-la, dando início aos demais confrontos.

Deslocamento Populacional

Antes da primeira metade do século XVII, as propriedades dos Feitosas expandiram-se rapidamente; somente Lourenço Alves Feitosa recebeu um total de vinte sesmarias espalhadas ao longo do rio Jaguaribe e seus afluentes, próximas a Icó, tornando-se um latifundiário, pois a “média de terras concedidas para cada sesmaria era de três léguas ou 10.800 hectares” (Lemenhe, 1991, p. 25). O que segundo Araújo (2002):

tais fatos vêm demonstrar que o sistema de sesmarias convivia com regime de posses ilegais, assim como atesta a ganância de grandes proprietários por terras, que sendo tamanha, justificava os meios para obtê-las.

O registro de diversas lutas por terras no Ceará é um dos indicativos da violência no regime de posses e de migração interna. A ocorrida entre as famílias Monte e Feitosa, mostra que a família foi o elemento que deu à sociedade brasileira importância fundamental durante a maior parte de sua história, preenchendo a lacuna criada pela ausência do poder público eficaz; como também foi a maior causadora de desordem, uma vez que insultos ou ofensas a um membro de

uma parentela por um membro de outra era motivo para uma confrontação.

Como unidade social, cada família mencionada formava uma parentela, onde além do grupo familiar, que consiste todos os parentes reconhecidos, incluindo os que foram herdados dos pais e os incorporados por meio de um cônjuge ou cônjuges, abrangiam outras pessoas que, embora sem ligações do sangue ou casamento, viviam próximo do círculo, eram os empregados respeitados, tais como o vaqueiro, escravos de confiança e moradores que estavam com a família há muito tempo e por último os agregados, que eram pessoas que viviam na fazenda sob a permissão do proprietário, mas em situação indefinida, e variavam numa gama que ia desde os amigos da família até os pistoleiros contratados e outros tipos de marginais.

Os Feitosas, realmente, constituem um grupo parental (“Kingship group” dos culturalistas americanos) dos mais poderosos da nossa história e cuja repercussão sobre as nossas instituições locais de direito público (populares e oficiais) foi enorme. Pelo número da sua parentela, dominaram o Ceará — uma província inteira. (OLIVEIRA VIANA, 1964).

As famílias, Monte e Feitosa reuniram um bom número de agregados, dentre eles os amigos fazendeiros pecuaristas e um expressivo contingente indígena de diversas tribos. Os Feitosas tinham por si as tribos indígenas dos Cariris e Jucás e os Montes dispunham dos índios Calabaços e Icós.

A Região dos Inhamuns é uma área bastante rica para o estudo do coronelismo, palavra derivada de “coronel”, que se

refere à autoridade política local, muitas vezes ligada a outras instituições exercidas por chefes, especialmente no seu relacionamento com a parentela. O coronelismo poderia ser interpretado como manifestação de uma sociedade constituída em torno de um grupo de parentes, sendo o coronel e o chefe da família a mesma pessoa.

Fica claro que as parentelas eram traços salientes da sociedade da Região dos Inhamuns, uma situação que resultou da estruturação do poder ao longo das linhas genealógicas. A parentela era a unidade social principal, pois dentro dos seus limites o indivíduo encontrava grande margem de segurança. As instituições públicas, não mereciam confiança, porque muitas vezes seus administradores deixavam de servir a todos. Mesmo quando o faziam, a sua interpretação do bem comum não era necessariamente equivalente ao bem estar da parentela e dos seus componentes. O relacionamento significativo era então a família, e dentro dos seus conselhos fazia-se justiça e distribuía-se proteção de acordo com os seus padrões e, quanto às instituições públicas, estas deveriam ser dominadas ou bloqueadas.

Pode-se dizer que o cangaço e o banditismo no sertão tiveram origem nessa ambição de proprietários pecuaristas por mais terras e mais poder, e que veio contribuir para uma cultura de violência. No Ceará, uma luta que partindo do branco com indígenas, estendeu-se para os pequenos posseiros migrantes e tornou-se acirrada entre alguns dos senhores das sesmarias. (ARAÚJO, 2002).

A história dos conflitos entre as famílias Monte e Feitosa, não encontra documentos favoráveis aos Feitosas e nem censura contra os Montes; quando estes é que vinham atacar os Feitosas em seus próprios domínios, na fazenda Cangalhas, abaixo da vila de Arneiroz, onde se chocaram em um tiroteio, no qual se defenderam os Feitosas, que ali se achavam arranchados com um comboio e fizeram trincheiras dos surrões, malas e cangalhas, e depois seguiram em sentido ao rio do Jucá.

Com o rompimento do juiz ordinário em Aquiraz, o Senado da Câmara e de pessoas influentes com o Ouvidor José Mendes Machado, este se aliou aos Feitosas contra os Montes e oferecendo-lhes combates, nos quais sempre saíam vitoriosos; e os Montes por sua vez, se aliaram aos inimigos do Ouvidor em Aquiraz, ficando sempre derrotados. Com isso, segundo Leonardo Feitosa:

ficaram os arquivos públicos do Aquiraz cheios de falta documentação horrivelmente degradante contra os Feitosas e o Ouvidor José Mendes Machado, que eram constantes denunciados perante os altos poderes até à Corte Portuguesa.”(1985. p.17).

As análises sobre o cangaço encontram referências em vários autores da historiografia estadual, dentre eles cita-se Girão, o mais conhecido, que tece os seguintes comentários sobre o movimento:

[...] designa a organização efetiva ou o estado permanente de homens em armas, de que se acercavam os sertanejos abastados [...] ante a ameaça de hordas selvagens que lhes dizimavam os rebanhos e em face

de outros potentados que lhes contestavam a posse das sesmarias, muitas vezes de extrema litigiosa [...] um meio de defesa de grupos criminosos que fugiam à ação da justiça, ou a força terrorista dos chefes de facções políticas do interior, continuamente de sobreaviso no tocante às competições partidárias locais. (1966, p. 36)

O Comissário Lourenço Alves Feitosa, foi um dos colonos que adquiriu maior número de sesmarias no Ceará, mais logo morreu sua mulher, depois seu único filho solteiro, e, por último ele, ficando toda a fortuna deste casal para o irmão Francisco Alves Feitosa, passando este a ser o maior latifundiário dos Sertões dos Inhamuns.

No ano de 1721, veio o Capitão-mor Manoel Francês governando o Ceará, porem desgostoso com o senado da Câmara, no Aquiraz e observando que uma das famílias estava aliada com o Senado e a outra com o Ouvidor Machado, conservou-se neutro até a retirada deste, e só em 1725, quando, na expressão de Teberge: “Assaz debilitados pela ação continua do bocamarte, quando os veio dissolver a grande seca de 1725...”, mas não só por isso, foi necessária a intervenção do Capitão-mor Manoel Francês, que resolvera acabar com os conflitos das famílias Monte e Feitosa, abolindo com as lutas que agitavam a vida nos sertões, e aconselhando, fez a separação dos contentores, indo o Coronel Francisco Alves Feitosa, esperar a passagem da grande seca, na fazenda Môcha no Piauí, onde depois fundaram a cidade de Oeiras, antiga capital daquele Estado, em casa do Capitão-mor da então vila da

Parnaíba; após a passagem da mesma, voltou para suas fazendas no alto rio do Jucá.

Em 1740 construiu uma capela, onde terminou o serviço em 1748, quando foi visitada por Frei Manoel de Jesus Maria, que a achou boa para a celebração do culto; tudo, em plena paz, o Coronel Francisco Alves Feitosa veio a falecer na pequena povoação de Cococi, na Região dos Inhamuns.

A família Feitosa ainda existe nos Inhamuns, na Ribeira do mesmo rio Jucá, quase no mesmo pé que seus antepassados, ligando-se pouco com outras famílias, e conservando ainda quase sem alteração os seus costumes.

Quanto aos Montes, ainda existem numerosos descendentes desta família, não especificamente na Região dos Inhamuns, mas distribuídos por todo o estado do Ceará.

Considerações Finais

Certamente podemos tecer o tempo dos Sertões dos Inhamuns com um repertório de mudanças sociais, onde homens ricos e fortes, rudes e valentes, perdidos naqueles vastos sertões desconhecidos, cuja fisionomia dominante era a aspeira dos cactos, longe das autoridades que tinham a incumbência de fazer respeitar a ordem e a justiça, nos seus desentendimentos com os vizinhos, apelavam para a força bruta, única e soberana lei daqueles ermos sertões.

Praticaram violências e crimes, na defesa das vastas extensões de terra que iam ocupando, dominando, eliminando quase todos os indígenas e matando uns aos outros. Os Feito-

sas se foram aquartelar nas suas terras do Vale do rio Jucá no alto Jaguaribe, que hoje corresponde aos municípios de Tauá e Parambu e, os Montes ficaram nas imediações do Icó, no baixo Jaguaribe. As duas famílias cobriram-se de numerosos rebanhos, numa decisiva vitória contra o deserto e a solidão e levou a migração interna aos Sertões dos Inhamuns. Devido à história dos conflitos territoriais, tornou-se a capacidade de deslocar-se no espaço, uma qualidade, que se inseriu no modo de ser de seus habitantes. Para alguns autores, tais como Juraci Cavalcante, citado por Araújo (2002), trata-se de uma “cristalização da cultura de migração no cotidiano de indivíduos, famílias e jovens interioranos.”

Segundo Fernandes Távora (1967, p. 10) muitos dos que vivem nos chamados meios civilizados, costumam criticar e admirar-se das atitudes dos que vivem nos desertos, para defender-se contra todos e contra tudo, esquecidos dos governantes e sem o amparo da lei. Não se lembram, entretanto, que o “progresso só se realiza, através de sofrimentos, claudicações e desvarios humanos; e nenhuma civilização nasceu e medrou entre flores e risos; mas todas emergiram e cresceram em arrebóis de sangue.”

Quanto aos Feitosas e os Montes a situação não foi diferente, onde lutaram, pela conquista dos espaços, antes habitados por índios, no sertão desconhecido pelo homem branco, motivo principal de suas divergências, que resultaram em benefício para todos nós.

Referências

- ARAÚJO, A. M. M. *O Êxodo dos Trabalhadores Rurais para Cidades à Luz de Lefebvre*. 2002.
- CAVALCANTE, Juraci. *Citação no artigo O êxodo dos trabalhadores rurais para cidades à luz de Lefebvre*, de Ana Maria Matos Araújo. 2002.
- CHANDLER, B. J. *Os Feitosas e o Sertão dos Inhamuns*. Universidade Federal do Ceará, 1981, p. 21.
- FARIAS, F. A. *Araújos e Feitosas: Colonizadores do Alto e Médio Acaraú*. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1995, p. 37.
- FEITOSA, Leonardo. *Tratado Genealógico da Família Feitosa*. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1985, p.14 e 15.
- GIRÃO, Raimundo e MARTINS FILHO, Antônio. *O Ceará*. 3.^a ed. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966, p.36.
- LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. *Tradução* de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Moraes Ltda., 1991, p.25.
- OLIVEIRA, Viana. *Instituições Políticas Brasileiras*. Fortaleza, 1964.
- TÁVORA, Fernandes. *Comentário no livro O Clã dos Inhamuns*. 2.^a Ed. Fortaleza, 1967, p.10.